



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Defesa vulnerável

Rússia aproveita escassez de interceptadores e dispara 24 mísseis balísticos contra Kiev, capital da Ucrânia. Ofensiva contou com aeronaves não tripuladas e deixou 17 mortos. Zelensky faz novo apelo a aliados ocidentais e aciona a Otan

» RODRIGO CRAVEIRO

A consultora de comunicações Mila Kniazka-Khanova, 43 anos, teve uma noite difícil e insone, assim como todos os moradores de Kiev. “Consegui chegar ao abrigo antibombas mais próximo de casa, onde fiquei até o fim do alarme, escutando várias explosões ecoando pela capital. Foi assustador”, contou ao **Correio**. “Em tempos assim, manter contato com a família e com amigos me ajuda a lidar com a situação.”

Por sua vez, Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, disse à reportagem que explosões atingiram um armazém do serviço postal a três quadras de sua casa. “Foi uma noite muito complicada. Não existe lugar seguro em Kiev.” Durante a madrugada, mísseis balísticos e drones suicidas mataram ao menos 17 pessoas na capital e no entorno. A ofensiva da Rússia tirou proveito da escassez de interceptadores de mísseis balísticos e expôs a fragilidade da defesa antiaérea. A Força Aérea da Ucrânia chegou a lançar uma alerta sobre uma onda de mísseis balísticos a caminho de Kiev.

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, confirmou que a Rússia tinha disparado 24 mísseis e 115 drones com propulsão a jato. O sistema de defesa antiaérea neutralizou 98 aeronaves não tripuladas, mas todos os mísseis impactaram o solo. “Estamos trabalhando ao máximo com todos os parceiros que possam nos ajudar com o fornecimento de mísseis interceptadores, para proteger contra esses ataques russos totalmente injustificados contra vidas e infraestrutura civil”, declarou Zelensky. Ele conversou com Mark Rutte, secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). “Mark está bem informado sobre as ameaças, e temos coordenado nossos esforços em relação aos países que possuem os mísseis necessários e a capacidade de ajudar”, escreveu.

Para o presidente, é “crucial” eliminar a burocracia e tomar decisões políticas. “Literalmente todos os dias, a determinação de nossos parceiros na Europa e na América define a vida das pessoas aqui na Ucrânia. Agradeço a disposição em explorar oportunidades e trabalhar com a Ucrânia no fornecimento dos itens de que precisamos.”

Diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative (em Kiev), Peter Zalmayev reconheceu uma

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Ao longo desses anos vivendo em Kiev, cidade constantemente sob fogo russo, aprendi a distinguir os sons de mísseis, drones Shahed e interceptadores. As explosões de impactos e de intercepções são diferentes. Recentemente, tem havido muito menos intercepções do que antes. Isso significa que cada novo bombardeio russo pode ser o último para qualquer um de nós em Kiev.”

MILA KNIAZKA-KHANOVA, 43 anos, consultora de comunicações, moradora de Kiev

situação “preocupante.” “A aritmética é ruim. Dos 24 mísseis russos lançados hoje (ontem), nenhum foi interceptado. O fato é que, mesmo se houver vontade política nos EUA para suprir a Ucrânia com mísseis Patriot, isso custa muito. Em média, são necessários dois Patriot para derrubar um míssil balístico. Os EUA podem fabricar apenas 1.500 deles por ano. Mesmo se Donald Trump concedesse licença a Kiev para produzir o armamento, levaria anos. A Ucrânia precisa começar a fabricar os próprios mísseis de intercepção balística o quanto antes”, disse ao **Correio**.

Compromisso

Olexiy Haran admitiu que o país não tem mísseis antibalísticos suficientes. “A comunidade internacional não está engajada o bastante. Parte do motivo é que os mísseis Patriot foram deslocados para o Oriente Médio. Não recebemos interceptadores, temos alguns, mas são insuficientes contra mísseis balísticos. O que a Rússia tem feito é impor um terror aos civis.”

Por sua vez, Mila externou o medo de conhecer alguma das vítimas dos bombardeios. “Um dos mísseis caiu perto da casa da minha mãe e atingiu um prédio. É muito importante que o Ocidente nos ajude com interceptadores. Centenas de milhares de vidas ucranianas dependem disso”, desabafou.

Mykola Tymchenko/AFP



Homem caminha diante de corpos armazenados em sacos mortuários, em estação ferroviária de Kiev: civis na linha de fogo dos bombardeios

Drone com explosivo afeta aeroporto da Alemanha

Hendrik Schmidt/DPA/AFP



Robô usado para a desativação de bombas opera perto de avião ucraniano, em Leipzig: tráfego aéreo suspenso

Um incidente que envolveu pelo menos um drone com um dispositivo explosivo levou à suspensão temporária do tráfego aéreo no Aeroporto de Leipzig, na Alemanha, um importante centro logístico para a Organização do Tratado do Atlântico do Norte (Otan) e para o envio de equipamentos militares e civis para a Ucrânia. Na Alemanha, país que tem apoiado ativamente a Ucrânia desde o início da invasão russa em fevereiro de 2022, o embaixador ucraniano acusou Moscou desde o início do incidente, em entrevista à Welt TV. “Quem mais poderia ser, senão a Rússia?”, questionou Oleksii Makeiev.

Na noite de terça-feira, o tráfego aéreo foi interrompido por duas horas no aeroporto no leste da Alemanha após a descoberta de um drone que, segundo investigadores alemães, carregava um “dispositivo explosivo não identificado”, que foi posteriormente desativado. Um avião teve que abortar seu pouso no aeroporto e, em seguida, colidiu no ar com um objeto desconhecido, mas depois aterrissou em outro terminal em segurança, informou o governo.

O incidente ocorre em um momento em que a Alemanha vem alertando há meses sobre tentativas

de sabotagem, desinformação e ataques cibernéticos originados de potências estrangeiras hostis, particularmente a Rússia.

Uma aeronave “aparentemente colidiu” com outro objeto enquanto recuperava altitude após não conseguir pousar no Aeroporto de Leipzig/Halle, que foi temporariamente fechado antes da

descoberta do drone, confirmou o Ministério do Interior alemão.

Um avião de passageiros vindo de Maiorca, assim como vários aviões de carga com destino à cidade, tiveram que ser desviados para outros aeroportos. Apesar do impacto, o avião conseguiu aterrissar no aeroporto de Hanôver, também utilizado pelas

Forças Armadas da Alemanha, pela Otan e para o transporte de carga com destino à Ucrânia, informou o porta-voz do ministério, Leonard Kaminski, em entrevista coletiva em Berlim. A Alemanha e outros países europeus têm observado drones sobrevoando locais sensíveis, como aeroportos, bases militares e instalações industriais.

ORIENTE MÉDIO

Irã anuncia acordo sobre Ormuz

Companhias de navegação e seguros, bem como os governos de terceiros países e o mercado de petróleo, aguardavam, ontem, uma confirmação para o anúncio do Irã sobre um acordo que teria concluído com o vizinho Omã para estabelecer uma rota para o tráfico de cargas pelo Estreito de Ormuz, objeto de disputa e palco de escaramuças entre forças iranianas e norte-americanos desde o início da guerra, no último dia de fevereiro. A chancelaria de Teerã afirma ter definido com o sultanato um acerto temporário, à margem de negociações que o presidente Donalt Trump sustenta estar mantendo com a República Islâmica — que desmentiu a versão da Casa Branca.

“As coordenadas geográficas da rota planejada foram acordadas por ambas as partes”, disse o porta-voz Esmail Baqaei à agência de notícias estatal Irna. Os dois países, adiantou, trabalham em uma “declaração

conjunta”, desde que “terceiros não obstruam o processo” — referência quase explícita a Trump. “A declaração conjunta, que contém as principais considerações e pontos do acordo, também se encontra na fase final de revisão e redação.”

O Irã assumiu, de fato, o controle do Estreito de Ormuz, via marítima estratégica para o comércio mundial de energia, desde que sofreu os primeiros bombardeios dos EUA e de Israel. Ao longo desses mais de cinco meses, Trump tem insistido, reiteradamente, que seria o Irã quem o procura com o pedido de negociações sobre o estreito. Tinha, inclusive, antecipado que buscaria arranjos com Omã, seu vizinho do outro lado do estreito, e desde o fim de semana vinha anunciando uma solução para “as próximas horas ou dias”.

Em seu informe, Baqaei disse a jornalistas que os diálogos com

Omã avançavam para a conclusão de um acordo abrangente sobre uma gestão compartilhada entre os dois países — incluindo a cobrança de taxas. O porta-voz alertou, porém, que o acerto com Omã sobre as rotas não significa que Ormuz tenha se tornado de pronto seguro para todos os navios em trânsito. “Os fatores que tornam o estreito inseguro seguem existindo por parte dos EUA, em particular pelo bloqueio (aos portos iranianos) e por outras ações agressivas e ameaçadoras contra o Irã e seus interesses.”

Mar Vermelho

Em outra frente da guerra naval desdobrada do conflito, a milícia xiita pró-Teerã dos houthis, que trava uma guerra civil no Iêmen, anunciou ter atacado ontem dois petroleiros da Arábia Saudita — que apoia e arma o governo. Uma das embarcações foi

atingida no Golfo de Aden, na costa iemenita, e a outra ao largo de Yanbu, cidade portuária saudita no Mar Vermelho. Na véspera, uma embarcação carregada com explosivos atingiu um cargueiro indiano — o primeiro navio mercante afundado na área desde o início da guerra. O governo iemenita acusou os houthis.

Os rebeldes, que controlam diversas partes do país, impuseram um bloqueio marítimo à Arábia Saudita em 22 de julho. Essa obstrução ameaça a capacidade saudita de exportar petróleo evitando as incertezas — e o custo elevado dos seguros — do tráfego pelo Estreito de Ormuz. A escalada no litoral do Iêmen ameaça provocar nova alta nas cotações do petróleo, principalmente pela posição estratégica dos huthis diante do Estreito de Bab al-Mandab, que dá entrada ao Mar Vermelho pelo sul. A saída pelo norte, através do Canal de Suez, dá passagem para o Mediterrâneo.

AFP



Cargueiro ancorado na costa dos Emirados Árabes, no Golfo Pérsico

As exportações marítimas de petróleo bruto saudita através do Estreito de Bab al-Mandab multiplicaram-se por oito entre março e meados de julho de 2026, em comparação com o mesmo período de 2025,

segundo dados da empresa de informação sobre transporte marítimo Kpler. Em junho, elas se aproximaram da marca de 100 milhões de barris, ante os 7 milhões registrados em fevereiro.